

ESTERCO

FANZINE DO CU DO MUNDO

Vários Artistas

Cu do Mundo
2021

Armazém de Quinquilharias e Utopias

ESTERCO

FANZINE DO CU DO MUNDO

ALEX FRECHETTE



É artista plástico e mestre em Turismo na linha Turismo, Cultura e Ambiente pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Arte e Cultura pela Universidade Candido Mendes (UCAM), licenciado em Educação Artística pela Universidade Candido Mendes e Instituto A Vez do Mestre (UCAM-AVM) e bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor de

Copa pra quem? Olimpíadas pra quem? Arte e megaeventos esportivos no Rio de Janeiro- contranarrativas na cidade turística (editora Circuito), entre outras publicações. Vive e trabalha em Niterói-RJ.

Odiar é...



*acusar a arte de imoralidade
por retratar corpos humanos*

Alex Frechette

Odiar é...

Muuu

ÍNDIO NÃO PRODUZ,
NÃO SERVE PRA NADA!



*ter preconceito
contra indígenas*

Diário do discurso de ódio

POR ALEX FRECHETTE

não tenho culpa
da minha
superioridade!



lição 14:

ORGULHE-SE DO QUE LHE É INATO

Valores inatos - como atributos físicos ou heranças sociais, intelectuais e financeiras - podem e devem servir de grande orgulho pessoal. Estas são as coisas que realmente o diferem do resto do mundo. Não há nenhum constrangimento em usufruir das facilidades que você tem por ter nascido em uma família privilegiada. É preciso assumir que na vida há aqueles que mandam e aqueles que obedecem. E, além de tudo, é de bom tom ter coisas que não lhe exigiram esforço algum para serem conquistadas.

Alex Frechette

Diário do discurso de ódio

e ninguém faz
nada pra mudar
isso!

me envergonho
disso tudo!



lição 11:

INDIGNE-SE CONFORTAVELMENTE

Esperar de outras pessoas atitudes que você não tem é uma boa maneira de manter-se intacto e ter tranquilidade para apontar defeitos alheios. A internet e as redes sociais são ótimas ferramentas, que permitem que você mostre sua raiva tendo que lidar com consequências mínimas. A crítica àqueles que tentam desenvolver transformações e a crença de que nada diferente pode ser feito é uma boa estratégia para manter-se perpetuamente indignado, crendo que nada nunca mudará.

ARTHUR MOURA



É cineasta, graduado em História (UFF) e mestre em Educação (FFP-UERJ). Produziu os filmes *As Palavras de um Faminto* (2005), *De Repente: Poetas de Rua* (2009), *Paralelo 14* (2011), *Os Presos de Março* (2012), *Do*

Olho ao Averso (2012), *Prévia do Amanhã* (2012), *UTOPIA e cidade* (2013), *Casa Félix* (2014), *El Pueblo que Falta* (2015), *Funk Acari* (2016), *O Som do Tempo* (2017), *Araguaia, Presente!* (2018), *Conservadorismo em Foco* (2018) e *O Futuro Ausente* (2019). É produtor fonográfico, tendo produzido diversos discos e singles de rap, além de um sem número de instrumentais. Atualmente está dirigindo a web-série *Marxismo em Foco*, um filme sobre a teoria revolucionária do proletariado.

O problema da arte

Há um debate muito pouco profícuo sobre a valia do termo artista. Para alguns seria algo demasiadamente amplo não definindo nada em especial. Um termo puramente genérico. E afinal de contas qualquer um pode ser artista bastando de autoproclamar como tal. Numa sociedade organizada em distinções hierárquicas há músicos, poetas, cineastas, pintores, etc., e mesmo dentro dessas categorias há ainda mais subdivisões específicas sobre cada campo. O artista, portanto, tornou-se dispensável. A modernidade criou os profissionais da arte que funciona a partir da divisão social do trabalho. Neste processo tudo é mercadoria. Tudo é espetáculo. A produção artística está pautada na competitividade do mercado. É resultado desse processo produções enviesadas ao consumo rápido, banalizado e flexível. Desaparece neste processo também as distinções entre mainstream e underground, já que ambos aspiram ao sucesso imediato da indústria que se integrou ao nível primário da produção. A forma perfeita de cooptação é conservar a identidade do produto que passa a ser especulado como forma de agregar ainda mais valor criando os novos espantalhos e caricaturas da produção artística, seja musical, teatral, literária, cinematográfica, etc.

O paradoxo da nova arte caricata é que ela resguarda alguns elementos de “revolta contra o sistema” sem o qual jamais levantaria qualquer interesse do capital. Os nichos de mercado, a revolta domesticada e inofensiva, a identidade e a indistinção com outras forças sociais estruturam boa parte das produções notadamente obras pensadas a partir desse conjunto de determinações inculcadas por músicos, produtores, atores, diretores, etc. Essa é a base da arte no contemporâneo.

O termo “artista” não seria meramente uma escapatória para se propor algo diferente da nossa óbvia observação sobre as produções artísticas mercantilizadas trazendo, por exemplo, a ideia de um conjunto de todos esses campos espalhados. Ou um retorno ao idílico onde em algum tempo tudo fazia mais sentido sendo para nós uma tarefa desesperada de negar o presente torcendo o pescoço ao passado. A arte de um modo geral é força de expressão, linguagem, criação, comunicação e expansividade. Ela cria o que denominamos cultura que é o resultado de múltiplas expressões subjetivas e sociais. Nesse sentido o artista integra a sociedade sendo parte constitutiva do contexto social geral. A arte e o artista são uma necessidade social. Para Frederico (2006), “o caráter atemporal da filosofia, e também da arte, explica-se pelo fato de que em tais atividades se exprimem os grandes problemas que envolvem o homem, suas relações com outros homens e com o mundo exterior.”

O estágio primário da arte é a sua expressão subjetiva, que pulsa de todas as formas com várias intensidades e direções. Esse é o primeiro despertar da produção, da expressão humana viva, presente. O desenvolvimento de toda e qualquer expressão depende disso e se integra ao contexto social geral; na verdade toda expressão artística só pode existir como tal porque relaciona dialeticamente o subjetivo e a vida material concreta. É impossível, portanto, uma arte meramente subjetiva que não guarde qualquer relação com o meio social.

Isso nos leva a pensar dois pontos sobre a arte (que certamente se desdobrará em muitos outros): a arte como linguagem humana resultado da mais pura necessidade de se expressar e a arte como elemento social, força necessária aos processos emancipatórios ao longo da história. É claro que nesses processos há a arte como regressão, como é o caso da arte nazista e outras vertentes conservadoras. Pensemos, no entanto, a arte engajada, componente dos

processos de luta contra o estado e o capital.

Em primeiro lugar, toda expressão artística está sujeita às relações capitalistas. O indivíduo ou grupo que se propõe a materializar suas produções artísticas seja produzindo uma peça de teatro ou um espetáculo musical precisará de muito mais que força de vontade ou organização. É preciso ter acesso a um sem número de bens materiais, e, sobretudo, dinheiro. Isso por si só funciona como mecanismo eficaz de exclusão de uma gama de produtores que ou não conseguem se adaptar a essa dinâmica ou produzem para nichos muito específicos muitas vezes por um período curto de tempo. Isso de forma alguma quer dizer que o capitalismo é insuperável.

Estar imerso às relações de mercado não atesta por si só a nossa escravidão. Por outro lado essa relação é determinante para a arte e, obviamente, para o produtor que dependendo do seu acúmulo, status e condição material consegue maior popularidade. No que diz respeito a inevitabilidade das relações de mercado (o que conseqüentemente expõe a arte a tais relações) é mais que necessário a compreensão crítica do meio social, inferindo também sobre a arte. Essa compreensão mais acertada do sistema capitalista fincará a arte diante do seu maior inimigo. Em resumo, mesmo indivíduos, coletivos, organizações e movimentos com uma orientação revolucionária em alguma medida se relacionam com o mercado. O diferencial destes é que tal relação (inevitável) não é determinante para sua degeneração.

Como o capitalismo interfere na arte? Para responder a esta questão temos que primeiro nos esclarecer ainda que em linhas gerais sobre a natureza do capitalismo e que seu caráter predatório é tão voraz contra a arte como é contra a vitalidade do trabalho humano. Para além de mera expressão subjetiva, arte é trabalho, é resultado de elaborações, do manuseio e técnicas e que naturalmente requer

empenho e tempo. Requer, como já foi colocado, condições materiais. Dessa forma tem-se o desenvolvimento da arte e suas múltiplas expressões. Como expressão precisa e determinante ao meio social a arte sofre (das mais variadas formas) interferência desse meio. No capitalismo as relações são intermediadas pelas trocas mercantis, pelo dinheiro, o que determina a inclusão ou exclusão de determinadas frações sociais.

O mundo artístico é regido pela mesma dinâmica do meio social, reproduzindo no seu interior as mesmas contradições da sociedade burguesa. A arte como expressão transgressora apesar de diferenciar-se enormemente das mesquinhas do mundo dos negócios e cifras incomuns acaba por forjar relações que reiteram aquilo que artistas projetam no campo das ideias como valores e práticas a ser rejeitados. O meio artístico é multifacetado; há muitas variantes e campos. No entanto, o que atravessa cada campo ou gregariedade artística (ou “cena”) são forças anti-artísticas, como a burocracia, o status, know how, popularidade exacerbada o que formam celebridades. As celebridades são produtos da arte espetaculosa que centra toda atenção em pequenas lideranças artísticas que na maioria das vezes não guarda qualquer valor singular ou de genialidade (essa é uma qualidade muito reivindicada, apesar de ser uma bobagem). Ainda que sejam talentosos na medida em que se criam líderes e celebridades esvai-se pela tangente um batalhão de experiências desconhecidas e valorosas. As celebridades, portanto, só podem existir em detrimento de toda uma gama de novos artistas, coletivos e indivíduos que certamente contribuem muito mais para o desenvolvimento das produções, mas que permanecem no anonimato. Não se trata aqui de especular sobre algo demasiadamente vago, mas de abrir os olhos para o que acontece ao nosso redor que de tão banal tornou-se invisível.

Ao passo que existe um sem número de indivíduos e

coletivos que pensam as relações livres das imposições do mercado e conseqüentemente das relações capitalistas há enorme dificuldade e desesperança no que diz respeito a garantir a manutenção dessa luta por contradições internas ou pela irrefreável ofensiva dos valores burgueses. O que se projeta como conseqüência desse jogo desleal é a banalização da arte assim como a banalização das relações entre os artistas. A hegemonia por sua vez tem muitas vezes novas caras já que as máscaras desgastadas do passado já foram demasiadamente exploradas tornando-se uma espécie de totem, de figuras supra-humanas, onipresentes, inquestionáveis, inteligentes, excepcionais, notáveis. Em outras palavras: autoridades que fazem parte de uma espécie de santuário dos deuses da música, da televisão, cinema, etc. Passa por eles a aprovação ou sentenciamento daquele que pretende ascender na hierarquia artística. Esse, portanto, é o papel das celebridades que servem basicamente para controlar, cercear e garantir a manutenção do status quo e a conseqüente estagnação da arte.

Caberia ressaltar aqui a cena da música de Niterói, mais especificamente genericamente dizendo a MPB ou o lado B dessa MPB. Músicos, cantores ou produtores estão envolvidos em seus projetos muitos a mais de uma década o que de alguma forma ajuda a afirmar o artista e o seu trabalho, claro. A dificuldade que encontram são sempre as mesmas: falta de lugar para apresentações sobretudo com remuneração, falta de organização, precariedade na gravação, produção e distribuição e uma falta de perspectiva generalizada. Niterói é conhecida por seus grandes talentos na música. De tempos em tempos a prefeitura libera algum recurso bastante limitado e quando há alguma remuneração esta demora meses até chegar ao artista. Os espaços que antes movimentavam alguma cena como o São Dom Dom ou o antigo espaço da Cantareira, UFF com eventos, festas e saraus organizados pelos estudantes e o Convés ou não se produz mais nada ou há apenas festas

para arrecadar dinheiro para os organizadores. Os espaços públicos como a Cantareira muito raramente acontece algo. A principal praça de Niterói se resume a apenas um espaço de encontros e curtição casual. A batalha de rima é o único evento que acontece regularmente. Há pouquíssimas organizações e coletividades. Os que existem passam por questões como a falta de recursos e a fragilidade de sua organização interna. Os músicos buscam se associar de alguma forma na busca por burlar essas condições que os fragilizam: a falta de organização e precariedade o que acaba gerando uma completa falta de perspectiva apesar do sobretrabalho comum o que muitas vezes é compensado pelo uso inescrupuloso de drogas como o álcool, tabaco, maconha, cocaína e ácidos. Muitos músicos infelizmente estão nesse buraco e acabam por se afundar coletivamente também. Criticar esse aspecto decadente muitas vezes é visto como “moralismo”.

Os que possuem alguma outra fonte de renda conseguem burlar a desilusão colocando a música em segundo plano priorizando suas vidas burocráticas, pois o exemplo dos colegas desencoraja-os ainda mais. Mas o principal problema é a falta de perspectiva que os afunda num individualismo improdutivo e mesquinho que funciona como mecanismo de sobrevivência em meio a tanta escassez. O individualismo neste caso não é algo assim tão deliberado até porque a falta de um esclarecimento social entre os músicos é notório. A falta de escolaridade é gritante; isso os leva a crer que somente a música resolverá suas questões que não passa de um mito ou simplesmente ingenuidade. Dessa forma qualquer organização programática ou debate no campo das ideias está impossibilitado.

Em meio a esse caldo alguns pouquíssimos conseguem algum tipo de visibilidade construindo artificialmente nomes destacados na cena da música. Estes passam a não mais se relacionar com a base da cena musical a não ser de forma bastante utilitária e profissional construindo a

ideia de que os que têm mais know how são os que dão “oportunidade” aos desconhecidos, solidificando assim o status do primeiro. De uma forma geral a perspectiva mais comum é o carreirismo. Investe-se nas carreiras e não nas coletividades gerando para alguns poucos a possibilidade de lucro. São o que denominamos “micro-celebridades”, que passam a acreditar na possibilidade da fama como alternativa factível ainda que isso não passe de mera alucinação. A péssima compreensão da realidade aliado a um individualismo endêmico reproduz de forma indefinida os fetiches da sociedade burguesa, suas banalidades e ilusões o que gera profundo esvaziamento da arte. Por isso o que se percebe na cena musical é o sentimento de competição, ainda que dissimulado.

As relações, portanto, possuem pouca ou nenhuma verdade se resumindo a relações instrumentalizadas. É bastante comum e perceptível também a completa falta de disposição para enfrentar todo esse conjunto de contradições imperando a recusa ao debate resultado da falta de escolaridade como já ressaltado, mas também da defesa intransigente e apaixonada de interesses próprios. Por exemplo, se se discorda e se expõe determinadas contradições as relações são facilmente comprometidas. A disposição aos embates é zero. Aquele que é criticado geralmente não admite o questionamento pelo fato de se expor a vergonha alheia transformando aquele que critica em ameaça e potencial inimigo. Isso é mais comum do que podemos imaginar ou relatar aqui. Essa é a norma nas relações no meio artístico. A crítica é absolutamente mal vista e evitada como forma de manter as relações de dominação intocáveis. Não se trata meramente de “ego inflado” como se costuma dizer, mas sim de um projeto muito bem urdido. Ou seja, se o meio artístico torna-se refém das relações fetichizadas abandona-se por completo toda e qualquer tentativa de dar novos rumos (ou rumos antagônicos) à produção artística e às relações entre os

ESTERCO

produtores. Dessa forma se reverencia o mesmo ocultando o novo como forma de corroborar o status quo da arte caricata reproduzindo-se, por exemplo, o compadrismo, o espírito altamente corporativo, a instrumentalização das relações, o individualismo exacerbado reiterando a defesa intransigente de interesses particulares, a competição e consequente anulação do outro, a bajulação de qualquer hegemonia ainda que absolutamente torpe e limitada, a sabotagem e consequente eliminação do outro notadamente uma ameaça nas disputas de mercado.

Arthur Moura

DAVI BALTAR



É grafiteiro e arte educador da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Produzindo essencialmente street art há 13 anos, desenvolveu seu trabalho através de uma crônica de personagens de um cenário local, como carroceiros e jovens que carregam uma estética cada dia mais globalizada.

Formado na escola de belas artes da universidade federal do Rio de Janeiro, tem seus murais em diversas periferias do Rio e do Brasil, em 2016 participou do intercâmbio Belleville-Niterói, expondo e produzindo em Paris, e em 2019 participou de uma residência artística na cidade de Otawara, Japão.



Detalhe da tela:
Carroceiro.
Coleção particular,
2018

Davi Baltar

Matilda e Sorriso, acervo de Felipe Blunt



Síndrome de vira-latas, geralmente é um termo pejorativo para designar a falta de apreço do brasileiro para a própria situação, valorizando assim coisas do “primeiro mundo”

Porém, vira-latas são mais resistentes que a maioria das “raças puras”, pois se adaptam melhor ao ambiente.



**Detalhe
de desenho
2020**

Davi Baltar

Detalhe de graffiti no Morro do Palácio,
Niterói, 2020



**Então, vamos ser
vira latas do jeito
certo né!**

ESTERCO

Des.CARGA



O des.CARGA é um ser a parte que vive em vários corpos, é uma ideia que vive em várias mentes, é um espaço de liberdade criativa e experimento estético.

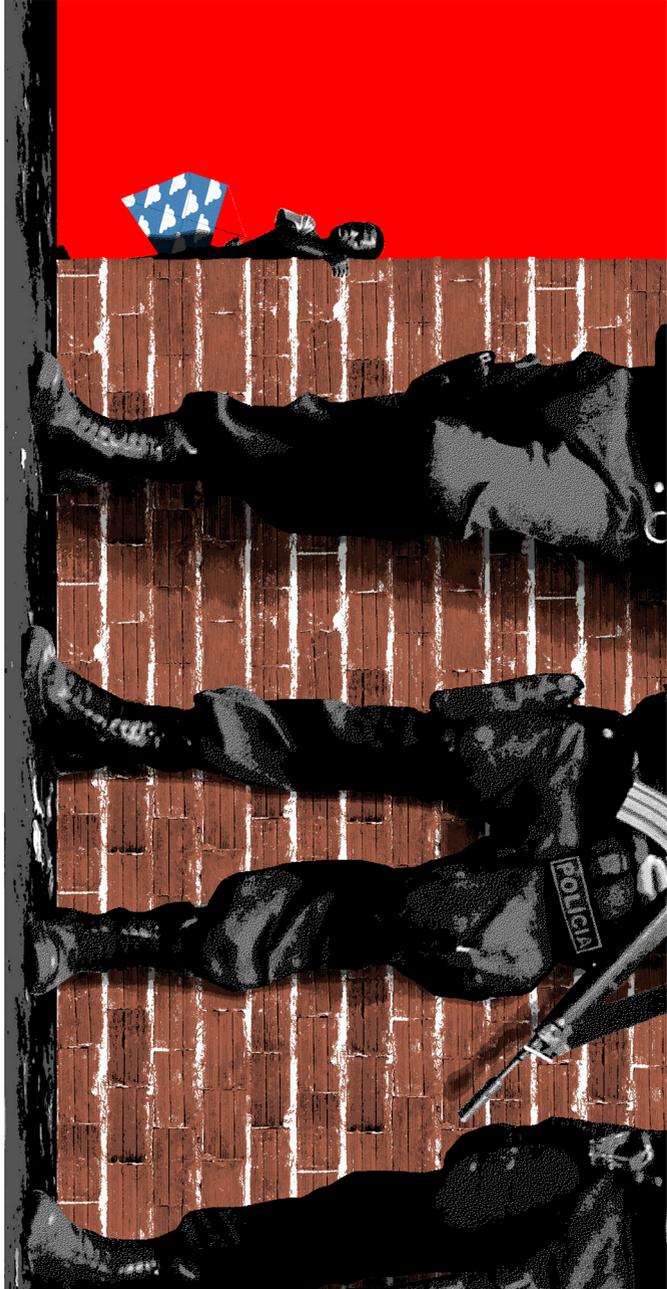
O significado da palavra é o que direciona o tra-

balho. A necessidade da produção artística é intrínseca a essa entidade, servindo como válvula de escape para quem produz, que despeja em certa mídia toda sua inquietação, revolta, visão, pensamento ou contemplação. É sempre plural, nunca singular.

“Retirar o que constitui a carga. Libertar-se de sua carga”
des.CARGA

instagram: <https://www.instagram.com/des.carga/>





Des. CARGA



Des.CARGA

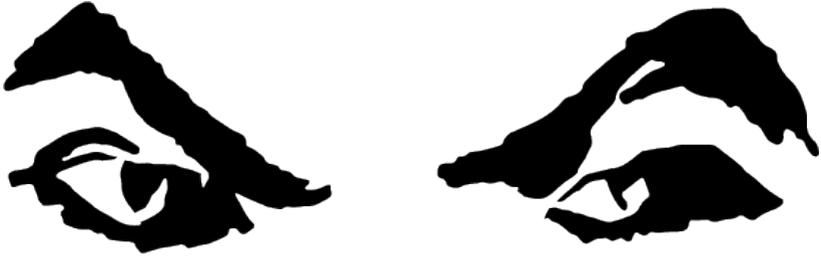
ESTERCO



Des.CARGA

FANZINE DO CU DO MUNDO

ESTERCO



DES.CARGA



FANZINE DO CU DO MUNDO

flora sette



prefere o uso da primeira pessoa e o uso de letras minúsculas.

nasci em itaperuna, norte do estado do rio de janeiro. na roça. a roça nunca deixou de habitar este corpo. e este corpo nunca deixará de abrigar a roça. é o que somos. um corpo. um corpo que arrebenta, enverga, quebra e se refaz. sempre tive um coração que sangra, então, passei a acreditar em destino. há muito,

deixei de falar a linguagem dos acadêmicos, mas tive a oportunidade de conhecer o que fazem, como agem, o que comem... felizmente, eles gostavam muito de banana e eu nem tanto.

so, enjoy it.

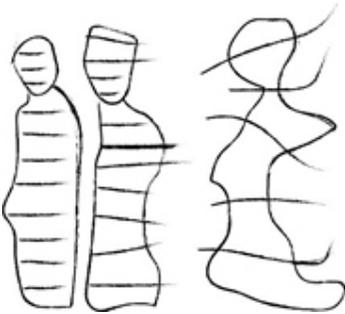


se há algo a dizer, escolho passagens. a passagem do corpo, dos móveis, dos animais, das casas. gosto de coisas curtas, pequenas, inúteis, silenciosas. gosto de gente que fracassa. e, na mobília antiga, gosto de ouvir o barulho da brincadeira astuta dos cupins.



corpo é lugar em que se inscrevem as falas. tudo o que foi dito, desejado, perdido. o corpo, então, pede pra se desfazer do verbo, anseia por uma borracha. a borracha é o arrebatamento. por entre o sombrio da confu-

são de diálogos, escorre o líquido vital. por meio dele, as linhas inscritas em nós, começam a revolver, até que surja um corpo nu. ao corpo que dança, livre de linhas – a bagagem dos discursos – brindemos.



trecho do meu livreto, *plutão, in progress*. palavras que abrem portas desenhadas em paredes, por crianças: psicanálise, autodestruição, renascimento. tesão. gênero.

rotação um:

netuno: lá fora é um deserto. você vê água lá fora?

plutão: olha, depende do que quer dizer com água.

netuno: água, água pra molhar, beber, água.

plutão: você quer dizer, oxigênio?

netuno: isso, oxigênio. você vê algum?

plutão: vejo.

netuno: eu não vejo. eu vejo areia.

plutão: areia?

netuno: é, areia.

plutão: mas não seria bom sair daqui, recomeçar sua vida?

netuno: não sei. eu quero... eu sou... eu quero...

plutão: tem tanto querer no seu discurso, é um bom sinal.

netuno: é?

plutão: sim.

netuno: por quê?

plutão: porque mostra o seu desejo. mostra que você deseja coisas.

silêncio

plutão: você quer sair daqui?

netuno: acho que sim...

plutão: ótimo, então precisamos trabalhar por isso.

silêncio

plutão: o que foi?

netuno: nada, é que... nada.

plutão: continue, deixe fluir naturalmente.

netuno: você deixa fluir naturalmente?

plutão: estamos falando de você.

netuno: por que não podemos falar de você?

plutão: porque não é por isso que estamos aqui.

netuno: não?

plutão: não.

netuno: por que estamos aqui?

plutão: você sabe.

netuno: por minha causa.

plutão: por alguma causa.

netuno: por alguma causa?

plutão: é, por sua causa.

netuno: certo.

plutão: porque você precisa de um espaço, no qual...

netuno: entendi. já entendi.

plutão: entendeu o quê?

netuno. um espaço pra falar.

plutão: isso. um espaço, no qual você possa falar e ser ouvido.

netuno: entendi.

silêncio

plutão: bom, então, ficamos por aqui.

netuno: mas eu não acabei.

plutão: o que quer dizer?

netuno: talvez eu queira sair daqui.

plutão: que bom, parece que chegamos a algum lugar, um lugar que tenha água, que tenha vida.

netuno: mas eu prefiro o deserto. no deserto, eu tenho os pés firmes no chão e não há ilusões.

plutão: achei que não quisesse ter os pés firmes no chão.

netuno: como chegou a essa...

plutão: então, vamos com a água, vamos com a vida!

netuno: olha, desculpa, mas... seu tom é superficial demais.

plutão: meu palpite, uma ideia inicial, é que você busca a água. busca a vida. não o deserto.

netuno: como você sabe?

plutão: basta ouvir você falar.

netuno: do que adianta isso aqui, se só você me ouviu falar? eu não me ouço falar, eu não disse que busco a água.

plutão: você disse que lá fora é um deserto e me perguntou se eu vejo água.

netuno: mas eu não disse que o deserto é ruim.

plutão: sim, você disse. você disse que prefere aqui dentro, porque lá fora é um deserto.

netuno: sabe qual é o seu problema? é que você se importa muito com as palavras.

plutão: não estamos aqui para discutir a importância que eu dou às palavras.

silêncio

plutão: bom, até a próxima, então.

netuno: mas eu não acabei.

plutão: mas eu acabei, acabamos.

netuno: eu acho que você também não vê água. vamos, admita.

plutão: isso não vem ao caso.

netuno: vem ao caso sim, isso é uma conversa.

plutão: isso não é exatamente uma conversa.

netuno: o que é então?

plutão: você sabe o que é.

netuno: uma conversa.

plutão: tudo bem, pode ser uma conversa. e ela chegou ao fim.

netuno: quem decide isso?

plutão: a própria conversa.

netuno: mas para mim, ela não acabou.

plutão: mas basta um se retirar, para a conversa acabar.

netuno: isso parece um pouco injusto.

plutão: nem sempre as coisas são justas.

netuno: mas elas deviam ser, sempre.

plutão: sua ação foi justa, então? com o rapaz?

ESTERCO

netuno: claro que foi.

plutão: por quê?

netuno: achei que tínhamos acabado.

plutão: eu também.

netuno: foi culpa do batom.

plutão: do batom?

netuno: é, do batom.

plutão: que batom?

netuno: acho que podemos parar por aqui.

silêncio

plutão: concordo. até nosso próximo encontro.

um aperitivo, até que todos sejam iniciados nos processos alquímicos que regem este exemplar, ainda por vir.

GUSTAVO AMARAL



É grafiteiro e artista visual nascido e criado em São Gonçalo e Niterói, trabalha com graffiti arte a 15 anos, muito do seu trabalho conversa com a temática de meio ambiente, letras de graffiti e anatomia humana. Formado em Artes Visuais na Faculdade Pestalozzi, Helena Antipoff em Niterói no ano de 2011, busca sempre criar um diálogo entre os contrastes urbanos e suas pinturas com temáticas sobre a

natureza e sua fluidez com pintura spray mural.

Participou de inúmeras exposições coletivas sobre o universo da street ART carioca. Lecionou artes e a linguagem do graffiti em diferentes ambientes artísticos como a Galeria Paschoal Carlos Magno e o Estúdio Belas Artes e a Casa Amarela em São Gonçalo.



Gustava Amaral



Gustava Amaral



Gustava Amaral





JOÃO AYRES

Homenagem ao amigo compositor de jazz, blues, samba de raiz, intérprete, romancista e poeta.

POEMAS TORPES

I

um dia estarei vencido
e levemente embriagado/
para subir e descer as escadas/
como quem come um sanduíche ao morrer.

um dia estarei predicativo/
pedindo ao tal sujeito que me olhe sem rancor/
e que me estrangule no torpor da palavra sono/
ao ignorar os Deuses que hão de me expulsar do paraíso.

um dia ficarei assim/
sem jeito em jeito algum e nada mais/
como quem leva um tiro na barriga/
e resmungua nos cantos quando a dor é ainda pior.

II

manhã cinzenta e fria/
quem em mim apodrece/
sou feito de trevas e o mal circula agora/
em minhas veias de carvão e aço.

manhã triste e sonífera/
como quem atira a esmo num corredor escuro/
e o vento que semeia a tempestade de sempre/
nos mortos que sussurram em meus ouvidos.

POEMAS TORTOS

I

eu venho de algum lugar/
morto sem excelência qualquer/
esta minha tristeza é a mesma/
como se fosse o além desta sombra/
no frio intermitente que lacera/
o que resta destes meus sentidos combalidos.

II

a morte me aguarda
na esquina do absurdo/
meu nome gravado/
na alma dos que se foram.

ouço ruídos estranhos/
quando abro e fecho as portas do nada/
há sangue na gargalhada dos fantasmas/
e no mais silêncio e dor.

III

eu quero o que não vejo/
como se fosse o que não fosse/
o tiro desferido impunemente/
contra meu rosto no escuro.
eu quero a dormência desta hora/
como uma serpente que engole seu jantar/
quero me arrastar pelas entranhas do invisível/
e cuspir fogo como um demônio resoluto.

IV

enquanto lixas as unhas/
 ao bebericar o chá benfazejo/
 sem perguntas ou respostas no abandono do instante.

enquanto abres a porta/
 os olhos custam a acordar/
 açoitados por um aterrador silêncio/
 no espanto de um mundo escurecido.

V

O que não sou/
 o que não fui/
 pertenço ao nada/
 por isto esta sede/
 por isto esta fome/
 por isto e mais isto/
 este tédio ao recobrir o mundo com palavras/
 por causa de, por motivo talvez quase sempre ignorado/
 o que não sou/
 ou talvez o que não fui/
 talvez não passe/
 nem mesmo pense/
 em sair ou fugir hoje à noite/
 o que não sou e o que não fui/
 quem sabe/
 talvez/
 talvez.

VI

nunca disse o que disse/
 chutei mais latas vazias do que ninguém/
 o meu tempo se foi sem idade/
 e um buraco gigantesco tomou a minha mente em surdi-
 na.

nunca disse o que disse/
apenas estive a cuspir palavras como um eu errante/
e andei por aí à procura de meu próprio rosto/
e morri muitas vezes ao me tornar um homem só.

VII

Retiro das coisas/
o que presta e o que não presta/
e reencontro a palavra sumo/
quando todas as raízes parecem fraquejar.

Retiro do ar a palavra ar/
para que o nada não pese/
mesmo que esteja com o estômago cheio/
de tanto abandono na lonjura do além.

Retiro das coisas/
o que é e o que não é/
para então sucumbir como os sábios/
que sempre acordam de mãos vazias.

VIII

meu nome é ninguém/
e nunca sei o que faço/
quando me perco no tempo/
ou não sei mais que horas são.

meu nome é ninguém/
nos cantos tristes das casas abandonadas/
no caminhar de uma alma ébria que assovia o infinito/
que então assola estes meus dias inúteis.



Le BARBA, misantropo mundano.

Apresenta-se ao universo da cultura urbana, *street art / graffiti*, dando sequência ao exercício realizado no segmento da arte pública (arte contemporânea), que é a consequência lógica para quem busca dialogar com o público, E é durante o período das manifestações de 2013/14 no Brasil, que floresce no artista o pensamento libertário. Entendendo, assim, as ações de

street art / graffiti como comunicação-diálogo direto com o público, sem mediação e-ou intermediários.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL: 2016 – Luiz Le BARBA à Gauche, Desenhos e Pinturas. Museu do Ingá, Niterói, RJ.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS: 2016 – Intercâmbio Street Art Belleville / Niterói RJ; Ateliers d'Artistes de Belleville, Belleville, Paris; 2016 – Intercâmbio Street Art Belleville / Niterói, Aliança Francesa Niterói e Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, Niterói, RJ; 2016 – MOF – Meeting of Favela, Vila Operária, Caxias, Rio de Janeiro RJ; 2019 – 2nd ARTISTIC IN RESIDENCE OTAWARA, JAPAN / Otawara City Arts and Culture Research Institute, Otawara, Japão; 2019 – “Os Dois Lado da Rua”, Galeria Espaço do Artista, Rio de Janeiro, Brasi; 2019 – “ENTRUDO”, Espaço O LUGAR, Rio de Janeiro RJ; 2020 – SHOE BOX, Otawara City Arts and Culture Research Institute, Otawara, Japão.

Le BARBA <https://www.facebook.com/luizlebarba/>

Instagram: @atelierluizbarba





ESTERCO



FANZINE DO CU DO MUNDO



FELIPE CORDEIRO



Bom me chamo Felipe Cordeiro, porém na pichação vai me conhecer como viga e no rap com outros vulgos, como fj, Jordan entre outros.

Comecei vendo pichações desde garoto no bairro onde morava no Rio de Janeiro e escutando racionais bem novo também, pois é algo natural na comunidade, com isso cada

vez mais me identifiquei com a rua e sua vivência, desde então convivo com isso. Em 2011 comecei a me aprofundar cada vez mais no rap e na arte, pois a pichação eu já estava bastante envolvido. Fiz diversas conexões nesse tempo, 2 clipes pro baco exu do blues, 1 para o Tardin, outro pro mano twoV e 2 pro mano bril (kivah), acabei conversando bastante sobre meus projetos e hoje graças a Deus estou trabalhando nele e trouxe pra vocês um pedacinho do meu sonho.

contato: @fpf

(Letra 1)

Cria de comunidade que adora confusão
Matava aula na escola
Pra ir a praia no verão (e as)
madrugada acordado era noitada e pichação
E minha coroa preocupada só pedindo proteção

Na correria da vida
Me vi fazendo freestyle
Minha família agradece melhor porta uma mag no ambiente em que eu vivo tem menoh bafando crack e mina come pó igual barra de galak

Grande parte dos amigos
Buscam criminalidade
Iludidos pela grana e as gatas em dia de baile
Vo seguindo minha vida com os Ratos do freestyle
Focado em contas as notas e fortalecer meu father na garagem um Maserati
assim o clima fica bom
Trás a modelo da versace pra deitar no meu colchão e cegamente lendo seu corpo em braile toco no seu coração com minhas letras de freestyle.

(Letra 2)

3 da manhã e sono acaba bom dia meu garoto fogos pela
madrugada vê minha coroa sendo acordada por trasantes
desde de menor aprendi ser gente grande

Bagulho doido só rajada de ak moitada cantando com
as glock rajada tu vai no beco bota cara cuzao mais uma
madruga tá normal irmão

Aproveitar que eu não vou dormir vou ver os trasante e
por balão pra subir comunidade entregue ao relento se
pangua na rua tu fica de exemplo

E o sol nasce e tá normal aqui as tiazinha correndo viu
meu filho aí
Ainda dentro da normalidade
Acompanhe a história triste
O fim você já sabe

ESTERCO

NAIANA



à noite
na rua
de dia
na roda
na sala

sou corredor
uma estrangeira
habitada

contato: <https://portalgramadonews.com.br/author/naiana-amorim/>

FANZINE DO CU DO MUNDO



DISPARADOR

para H.

que sensação é essa?
sonhei com você hoje

você me ouvia atento
como já fizera tantas vezes

lembra daquela fúria subsola?

quase românticos
a deitar nas lápides frias

minha vontade parecia um barman
servindo coquetel molotov

e esse silêncio intermirritante?
eu só poderia lhe desferir um golpe
que cortasse tu e eupois é
meu amor tem algo de morte mesmo
um excesso kamikaze

hoje em uma bondade soberba
me enclausuro na pirâmide

a escrever hieróglifos
qual garrafa lançada ao mar
de areia em derredor

(engraçado...
você já viu Donnie Darko?)

e de silêncio entende tu também
não eras afinal um escorpião no deserto?

do excesso a abster-se
de zero a cem km em 10s

saímos em disparada
mostrando apenas os olhos pintados de preto

teu amor também tem
o lastro da morte, não tem?

o relance entre dois viajantes
só poderia ser o símbolo
desta nossa dor

*Disparador: diz-se do cavalo acostumado a tomar o freio nos dentes,
e que não obedece às rédeas.

MINHA CARA NORMA

Minha cara Norma,

Não me venha com flores
ou cupons de beleza não
me venha laurear
com um laço
que nos outros dias me enrosca, enrola
e amordaça

quem gosta de se pintar
que se pinte

mas
que o cabelo raspado
a blusa branca e a
calça jeans
tal como o lápis no olho
nos lembrem
que o corpo é uma tela
e não há como viver
sem pintá-lo

por isso que te digo,
minha cara Norma,

ESTERCO

que essa tua escrita per(ver)sa
cunhada em fundo vão
tá aparecendo mais como uma pichação, sabe?

no dia, minha cara, que
você só transpassar o sólido
talvez você entenda
que não houve um paradoxo acima

como um muro
o livre arbítrio é imperioso
e a tua escrita
está cada vez mais alheia àquilo
onde (se) inscreve

teu gesto
tua letra ou tua caneta
são tão naturais
quanto a tinta do spray



ESTERCO

REMINISCÊNCIAS DE UMA CÂMERA

para L.R.M e F.A

olho para o céu
pego a Mala e embarco nessa

cada palavra toca e ressoa
címbalos em minha alma

acuso o instante do toque
enquanto ele vibra em mim

a imagem dos pratos desacelerada
a ausculta-los lentos no choque

a onda se dilata, se dilata
e assisto ao canto da matéria

sutil, intenso e depois a decrescer

ESTERCO

cristalizando efêmeros padrões

luz que Hora é onda ora é partícula
que ora – canta também

esse álbum aos prismas oculares
entre infravermelho e ultravioleta

hesitarei ante ao clique da câmera

eu que bati os olhos em Omnium Gatherum
e fiquei com Omnium Gateroom na cabeça

* Omnium Gatherum: de um latim duvidoso, “conjunto de pessoas ou coisas variadas, miscelânea”. É ainda nome de uma banda finlandesa de death metal melódico.



ESTERCO

PAULO DE CARVALHO



Editor e diagramador do Armazém de Quinquilharias e Utopias, escritor, poeta, fotógrafo e ativista cultural.

EU, o sem DEUS! E outras abominações.

Em ritos sacramentais – disseram-me: ANÁTEMA! Dito em ritos vezes sete – tantos quantos cabiam... sabiam...

Excomungado por Sua Imagem um deus dessemelhante, soube-me Homem!

Cruas palavras vociferadas em timbres d'estanhos urdidadas por suas línguas de sabres – perpetuavam estatutos perenes erigidos em aços reluzentes – evadidos de suas bocas esculpidas em granitos – CARRANCAS estéticas de seus horrores.

ANÁTEMA! Disseram-me em ritos tantos...

Portentosos! Seus plenos planos edificavam templos [oásis rodeados de areias e najas – pedras de lápide unidas por argamassas de betume e verbos – a liturgia de ferro suas falas materializavam barras, grades elos engodos do pão.

ANÁTEMA! Tanto quanto sabiam, disseram-me...

Sempre tão pios transsubstanciavam-se — momento eucarístico mística circense do trigo onde o pão se fez posse e a fome habitou entre nós. E a disseminação do mal fez ranhuras na carne tábuas inscritas em covas rasas.

Em ritos tantos sabiam o quanto...

O chão do beco sabe a dor da minha sombra revela seus cânticos nos emboços dos muros proscrito medo à luz da insegura dança da vela reflexos de fogo na poça da vala preconizam tanto o dentro e o fora iconografias proféticas para templos d'escuros estéticas d'um agora eterno a rua

ESTERCO

nua a noite crua aporta ao gueto a fé apagada do credo
arremate das cansadas prédicas em arremedos de Ho-
mens e suas lápides de verdades guardadas ao musgo das
eras onde perambulam por meios de Vós os preâmbulos
agonizantes timbrados guturais prelúdios das tendas do
BEM e seu MAL.



PAZ E LIBERDADE!

Estes são os MONSTROS que precisam ser exterminados, apregoam os que se alçam como representantes dos Homens.

E o extermínio deve se dar de forma silenciosa para que não deixem lastros, rastros, pegadas...

As instituições semeiam alpistes em pistas sobre chãos de visgos. Abrem seus portais de céus para a segurança tanto da matéria - seus corpos repletos de medos e arrepios -, quanto para o espírito dilacerado pelas homilias de seus sacerdotes que apregoam o enxofre eterno. Tornam-se simultaneamente, diante de tais prédicas, o lugar de refúgio e janelas para o salto pleno rumo ao voo para a serenidade e tranquilidade. Enganos... Engodos... São, em verdade, seus algozes.

No pórtico de seus templos ostentam em reluzente e bem polido bronze a imagem e semelhança: o ALBATROZ. Acolhem os indivíduos em teias as quais denominam:

SUCESSO! REALIZAÇÃO! PATRIMÔNIO!
TUA LIBERDADE É A EXTENSÃO DE TEUS ÓBULOS!
DE CONCRETO TUA PAZ!

O ENGODO, A CLAUSURA E O VENAL são os instrumentos para ludibriar o MONSTRO...

PAZ E LIBERDADE!

ESTERCO

Inscritos sejam nos livros dos desterrados. A tênue ironia
reluzente como gume do aço.

Proscritos sejam para o bem social, perpetuam os códices
dos portentosos próceres.

e homens e mulheres... e jovens e crianças... e velhos e
velhas adoram seus cárceres como as ovelhas sabem seus
currais.

[paulo de carvalho. 01/03/2017 - uma quarta-feira de
cinzas]



RAFFAEL PEREIRA



Nascido no Rio de Janeiro em 1983, Rafael Pereira é skatista, tatuador, grafiteiro e capoeirista. Praticamente autodidata nas artes gráficas que desenvolve, onde não possui formação acadêmica, desde muito novo teve contato com desenho animado e histórias em quadrinhos, primeiras referências e influências nas criações e primeiros desenhos... mais a frente as caligrafias urbanas e

pichação se tornariam as referências.

Começou a praticar capoeira aos 11 anos no grupo Abadá -Capoeira onde treinou por quase 20 anos.

Realiza seus trabalhos de graffiti pelas ruas de Niterói, São Gonçalo e Rio de Janeiro desde 1999, utilizando spray, pva látex, pincél, rolinho, stencil...

Sempre presente nos eventos de skate, participa de campeonatos na modalidade bowl, categoria master, e em 2019 ficou em 4º lugar no ranking de São Gonçalo. Colaborador tb do coletivo xv, fez um de seus principais logos e stickers.

Já realizou participações em mutirões e eventos de arte e cultura em comunidades e bairros do RJ (meeting of favela, conexão favela e arte, fau entre outras).

Voluntário nos trabalhos e ações da ong Fabrica de Arte e Cidadania e membro da família 5estrelas.

Uma mescla de culturas urbanas compõe seu estilo de arte e de vida.

Hoje em dia se dedica aos trabalhos e estudos de caligrafia e lettering mesclados com arte urbana, é tatuador e CEO no 4tattoo studio de arte e tatuagem.









Pimenta

ESTERCO

FANZINE DO CU DO MUNDO

RODRIGO MELLO



Formado em Artes Visuais com foco em desenho de ilustração, o artista visual Rodrigo Mello, atualmente baseia seu trabalho em duas vertentes: uma baseada na linguagem oriental, fazendo uma ponte entre o cotidiano urbano ocidental e o imaginário poético da cultura oriental. E outra baseada em Literatura Marginal com um foco político-libertário, traba-

lhando com uma estética marginal incorporando elementos da Arte de Rua.

Sobre a obra:

O objetivo das obras é manter viva uma memória das lutas sociais no ambiente urbano de uma maneira poética através da Arte. É demonstrar que o artista é um ser político engajado em seu cotidiano de contradições sociais, e se utiliza de formas de expressão artísticas para exprimir seu pensamento crítico, usando a Arte como forma de expressão política.

Participou das seguintes exposições:

Exposição “Novos Artistas” no Jardim Botânico, 2010.

Exposição Copa do Mundo da África, no Planetário da Gávea, Junho/Julho de 2011.

Exposição “Do chão à parede”, Estúdio Belas Artes, Novembro de 2012.

Em 2013 foi curador da exposição “Nossos traços, novos espaços” do grupo de graffiti Máfia 44, no Estúdio Belas Artes, Tijuca.

Em 2014 fez sua primeira exposição individual “Natureza Vândala” na Galeria Hilda Campofiorito, Campo de São Bento, Niterói – RJ.

Em 2015 fez sua segunda exposição individual “Pintura como Resistência” no Estúdio Belas Artes, Tijuca – RJ.

Atuou como professor e orientador de trabalhos artísticos no Estúdio Belas Artes, Tijuca, de 2012 à 2015.

Em 2015 voltou a exercer o ofício de tatuador no Glorious Of Pain em São Gonçalo.

Em 2016 mudou-se para Araguaína no Tocantins e trabalhou como tatuador em A FIRMA antes de montar seu próprio studio, a OLD DAYS TRADITIONAL TATTOO.

Contatos:

E-mail: rodrigomellotattoo@gmail.com

Instagram: [@rod.hellcore](https://www.instagram.com/rod.hellcore/) / [@olddaystattoo](https://www.instagram.com/olddaystattoo/)









O TIBET tá relacionado ao imaginário poético da cultura budista tibetana. E tb por luta por emancipação e independência da China. Os Budas fazem parte de estudo que eu fazia sobre poética da imagem, budismo, cultura oriental, fenomenologia da imaginação, contracultura e cultura de rua. E eu conseguia mesclar o pensamento oriental com a cultura urbana ocidental.

